

Geraldo Amâncio, profissão: repentista

Sylvie Debs*

O Brasil é geralmente conhecido pela sua alegria, pela sua música, pelo carnaval, pelo samba, pela bossa-nova e a excelência dos seus compositores e intérpretes, nomes famosos como Tom Jobim e Vinícius de Moraes, João e Astrud Gilberto, Toquinho, Maria Creusa, Baden Powel, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethania, Chico Buarque, Alceu Valença e, mais recentemente, os novos que chegam aos palcos nacionais e internacionais como Lenine, Carlinhos Brown ou Zeca Baleiro.

Menos conhecida pelo grande público, sobrevive uma tradição muita viva que é a dos repentistas e cantadores do Nordeste do Brasil. Entre os modernos cantadores, são popularmente famosos cantadores como Geraldo Amâncio, Ivanildo Vilanova, Oliveira de Panelas, Bule-Bule, Moacir Laurentino, Louro Branco, Zé Viola, Sebastião Dias, Zé Maria, Severino Feitosa, Valdir Teles, Sebastião de Silva, Pedro

Bandeira, Benone Conrado, Nonato Costa e João Paraibano, entre dezenas de outros. São mais de mil cantadores em atividade em todo o Nordeste, o que por si só representa um fenômeno considerável de persistência de uma antiga tradição na modernidade.

Cantoria é a palavra-síntese para designar vários gêneros da poética popular do Nordeste cantados ao som da viola que têm em comum a herança multissecular dos antigos trovadores ibéricos e provençais. Os cantadores nordestinos são artistas indispensáveis na preservação da tradição cultural, cantando por vilas e cidades do sertão, e também nas modernas metrópoles, acontecimen-

tos extraordinários, romances, cantorias e opiniões de saberes e de políticas. Os modernos cantadores do Nordeste do Brasil, do qual Geraldo Amâncio é um típico representante, deitam suas antigas raízes nos cantadores sertanejos do final do século XVIII e de meados do século XIX. Hoje os cantadores são profissionais que têm o costume de encontrar-se nos festivais em embates sonoros e desafios na disputa de prêmios. Eles improvisam diante o público a partir de motes e modalidades rítmicas que são indicados pelo júri. A rapidez, o senso



Geraldo Amâncio

da oportunidade, a inteligência e a destreza na elaboração dos versos são absolutamente surpreendentes. Impressionada com essa tradição tão viva que vem se adaptando tão bem aos modernos meios de comunicação de massa, resolvi entrevistar o cantor Geraldo Amâncio e lhe pedi que nos contasse alguns dos seus segredos.

A cantoria, que tem uma tradição oral, através dos repentistas improvisados por cantadores do mais diversos estilos, é difundida através de CDs, fitas K-7, fitas de vídeo e também através de um veículo mais tradicional chamado de literatura de cordel - denominação que se deve ao fato dos folhetos ficarem expos-

tos, para venda, dependurados em barbantes ou cordéis na feiras livres. A origem do cordel remonta à chamada baixa idade média, quando se dava o início da revolução comercial, mas tem suas raízes no encontro das civilizações europeias e orientais, principalmente com a conquista árabe da Península ibérica, quando elementos culturais, outrora díspares, se encontraram para gerar um novo paradigma cultural.

Resultado de todo esse processo de intercâmbio que envolve culturas de todo o mundo, principalmente das culturas íbero-mediterrâneas

e do norte da África - a cantoria sertaneja do Nordeste do Brasil é uma manifestação universal que hoje tem servido de fonte de renovação para os novos movimentos musicais brasileiros, já tendo mesmo alcançado fama internacional. Prova disso está nos *Fabulosos Trovadores*, uma dupla de cantadores da cidade de Toulouse, capital da Occitânia, na região de Provence, no sul da França, que fazem músicas inspiradas nas cantorias nordesti-

nas. A criatura reencontra o criador. Foi em Provence que nasceram e se desenvolveram, no medievo europeu, as raízes da poesia dos trovadores. O trovador, neste período, tinha três funções importantes: arauto das boas e más novas (guerra, nascimentos, casamentos, mortes), mensageiro de romances entre cavaleiros e as damas, contando lendas e fatos extraordinários.

Existem fatos históricos que ligam a Ocitânia ao Nordeste brasileiro, passando, é claro pela conquista portuguesa do Brasil e pela nossa herança cultural ibérica. A influência da poesia trovadoresca sobre o lirismo luso é incontestável, como assim pode ser constatado nas

obras dos poetas portugueses do século XIV. Dessa leva de poetas surgiu a poesia que Portugal trouxe para o Brasil na época da conquista, em 1500.

Este elo, que une épocas e locais aparentemente tão distantes, traz consigo inúmeras possibilidades de integração cultural e artística. O

Nordeste do Brasil e, em particular o Ceará, é um berço rico e diversificado de cantadores e repentistas, que continuam na modernidade a tradição dos antigos trovadores da chamada idade de ouro da Península ibérica, quando floresciam em paz, sem a chama do ódio e da exclusão, as culturas cristãs, árabes e judaicas.

A entrevista com Geraldo Amâncio demonstra a dinâmica da cantoria nos dias de hoje, mostrando que, mesmo guardando a tradição, foi capaz de adaptar-se aos modernos meios de comunicação de massa e se inserir em um contexto mercadológico e cultural dos mais complexos.

Entrevista com Geraldo Amâncio

Sylvie Debs — Geraldo Amâncio, o público francês não o conhece... Como a gente poderia apresentá-lo.

Geraldo Amâncio — Meu nome é Geraldo Amâncio ; sou repentista há 37 anos ; vivo exclusivamente da minha viola e do improviso e, como a maioria dos cantadores contemporâneos, eu venho de uma família de cantadores. Acho que era mais ou menos cinquenta por cento de cantadores, têm o dom da hereditariedade... ou o pai, ou o avó, ou um tio, ou alguém da família tinha sido cantador ou era cantador.

S. D. — Você nasceu em Fortaleza ?

G. A. — Não, eu nasci no interior, no sítio Malhada de Areia, município do Cedro, quase fronteira com a Paraíba. Acho que por isso vem a influência da cantoria porque a cantoria nossa vem daí. Começamos a cantar em 1964; meu avô paterno foi cantador amador, um tio paterno, a quem devo muito como cantador, também era repentista amador e me incentivou muito. Eu acho que o que ele não pode ser lutou para que eu fosse. Acho que o sonho dele se realizou em mim. Sou acima de tudo muito feliz, porque hoje ocupamos espaços que antes não eram preenchidos com a viola ou com a cantoria. Tivemos sempre acesso ao rádio; acho que temos inclusive o primeiro programa conhecido de viola na televisão, já tem oito anos aqui na TV Jangadeiro, nós fazemos o programa aos domingos pela manhã, onde os cantadores têm um espaço que eles não tinham antes, um espaço nobre, muito nobre para a cantoria. E temos também um livro, chamado *De repente Cantoria*, que é uma espécie de antologia, que acho que

contribui com a história da cantoria. O livro é tido pela crítica como um dos três livros que servem de caminho para maior compreensão da história da cantoria. Temos também um trabalho mais lírico chamado *Cantigas que vêm da Terra*, que são parcerias minhas com o poeta e jornalista Wanderley Pereira. E não tenho outras atividades, vivo exclusivamente de cantar.

S. D. — Por que você chama a rádio e a televisão espaços nobres para a cantoria?

G. A. — Quando eu falo de espaço nobre, é porque a cantoria na praia, cantando versos de louvações para os turistas, por exemplo, é uma forma humilhante de trabalhar. O cantador tem uma aparência e o aspecto de pedinte. A cantoria num casamento, numa festa religiosa, num barraco, não deixa de ser espaço nobre. Por exemplo, a cantoria na feira, ela é meio irmã da cantoria da praia. Então ela tem aspecto meio de pedinte. Falo de espaço nobre quando a cantoria tem espaço para se apresentar mais como arte. Não é discriminante essa distinção.

S. D. — Voltando ao passado, pode explicar melhor como o seu avô e o seu tio trabalhavam naquela época ?

G. A. — Veja bem, meu avô sendo cantador amador, era aquele cantador que só saía de casa para cantar numa renovação, numa festa de santos, numa novena, num batizado e, principalmente, num casamento. Ele fazia essa viagem de cavalo. O meu tio, anos depois, começou a cantar, e o meu avô nem quis que ele cantasse ; porque naquela época acha-

vam que o cantador era uma pessoa desocupada, uma pessoa que não tinha o que fazer.

S. D. — Falando de cantador amador, quer dizer que naquela época, as pessoas não poderiam viver com o dinheiro que eles poderiam ganhar na cantoria ?

G. A. : Difícilmente os cantadores nessa época viviam exclusivamente da cantoria ; não sei se porque o mercado era menor, não sei bem o motivo. Naquela época, os cantadores habitavam mais na região rural. Hoje houve uma inversão dessa ordem, a maioria absoluta dos cantadores reside hoje na região urbana. A cantoria teve um impulso bem maior no meu tempo, porque o cantador já tinha programa de rádio ; a rádio na época ocupava o espaço que ocupa hoje a televisão, quer dizer, é a mídia já dando um pouco da sua mão aos cantadores.

S. D. — Em relação à sua família, você é o primeiro cantador profissional?

G. A. — Sou o terceiro cantador da família, mas como cantador profissional eu sou o primeiro.

S. D. — Como você, trabalhando na TV e na rádio, consegue organizar a sua vida profissional e atender aos convites de cantorias?

G. A. — A minha vida profissional? Eu fiz programas de rádio durante mais de vinte cinco anos, depois apareceu o espaço na televisão e deixamos a rádio. Esse programa de televisão que nós temos, somos nós mesmos que produzimos, que apresentamos. Nós temos que ir atrás de apoios culturais e patrocínios. Tudo

isso toma muito tempo, mas é um trabalho superagradável ; eu me sinto acima de tudo um trabalhador da cantoria. Mais do que cantor, eu sempre digo: sou um trabalhador da cantoria. Pensando assim, a gente age mais num sentido coletivo, eu acho que é bem mais construtivo.

S. D. — Como você conhece os novos cantadores que você vai apresentar?

G. A. — Nós somos, é o que indica uma pesquisa de Zé Alves Sobrinho, somos seis ou sete mil cantadores em todo esse universo do Nordeste (Paraíba, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Sergipe). É uma contagem aproximada. Infelizmente desses seis ou sete mil só trinta ou quarenta cantadores são mais conhecidos, são o que nós chamamos em linguagem popular de “cantador de proa”; os que dão bem o recado, que não decepcionam quando se apresentam. Então, é desse universo que nós trazemos para o nosso programa os novos cantadores.

S. D. — Você poderia falar um pouco mais sobre a passagem da cantoria tradicional nas feiras e nas festas para a cantoria na rádio e a televisão? E agora pela Internet? Como se faz essa relação com a nova tecnologia?

G. A. — Essa história da cantoria em feira é interessante. Eu mesmo ainda cantei nas feiras, mesmo já havendo a cantoria da rádio. Havia a feira do Domingo no Ouro Branco, uma vila do distrito de Lavras da Manguabeira, no Ceará, onde eu vi as primeiras cantorias com o cantor Chaga Moisés. A gente cantava na região, no Sábado, cantava numa distância de dez, doze kms, já imaginando que no Domingo estaríamos naquela feira. Então a gente encontrava um bar, pedia permissão ao dono e cantava, as pessoas davam o dinheiro que quisesse. Naquela época já havia programa de rádio, porque a rádio foi o grande salto para cantoria. A televisão foi outra bênção; infelizmente, há poucos espaços na televisão. Pelo que nós sabemos, existe o nosso programa na TV jangadeiro, existia um outro programa em Caruaru, que terminou. Isso significa que o cantor assim como acompanha o povo, tem a necessidade muito grande de acompanhar esse salto de desenvolvimento e ter acesso às novas tecnologias.

S. D. — Voltando mais para história da cantoria; se fala em cantadores, em repentistas... Trata-se da mesma coisa? Quais as diferenças?

G. A. — Trata-se da mesma coisa: o cantor, o repentista, o violeiro, no nosso caso, eles são uma mesma pessoa. Veja bem: existe um cantor que é mais repentista: quero

dizer que ele improvisa versos mais rápido, mais fácil e é capaz de cantar o que acontece no momento, ele é capaz de dizer com uma graciosidade impressionante. O cantor mesmo trabalha mais a diversidade, o conhecimento, ele sabe de muitas coisas, aplica métodos, não se preocupa com o momento, com que acontece. Ele se preocupa com o todo e menos com o momento. Violeiro é o nome que se dá ao repentista e ao cantor que se acompanham tocando uma viola.

S. D. — Então que diferença se faz entre cantor e cordelista?

G. A. — O cantor pode escrever eventualmente um cordel, mas existem poetas ditos de bancada que escrevem único e exclusivamente para o cordel. Há também poeta cordelista-cantor, assim como existe o cantor-cordelista, assim como existe o poeta cordelista que produz o seu trabalho e que cantava nas feiras. Hoje é uma coisa rara, desconheço se existe ainda esse tipo de cordelista. Há um fato gratificante ; é que se apregoava muito por aí que o cordel estava morrendo por falta de quem o fizesse e também por falta de leitores. De repente, aparece uma safra nova de jovens, de Klévisson, do Arievaldo, Rinaré e de tantos outros cordelistas; isso é supergratificante.

S. D. — Como a cantoria chegou aqui no Nordeste?

G. A. — Há pesquisas e pesquisas. Alguns acham, e eu também, que a cantoria veio através dos lusitanos. No Brasil, nós temos notícias do primeiro grande improvisador, o poeta Boca de Inferno, Gregório de Matos Guerra. Agora uma coisa bem próxima de nós, é que a cantoria nasceu realmente na Serra do Teixeira. Os pesquisadores acham que o baião é uma coisa de Luiz Gonzaga, que é uma coisa que antecede e que vem da Bahia, mas é coisa bem do século dezenove. Só quero confirmar que o baião é da viola, não é da Bahia, não é de Luiz Gonzaga, é da viola mesmo. E ele disse mais de uma vez : “Eu tirei esse baião que eu toco do cantor de viola, de vocês”. Eu fiquei surpreso. Então a



Geraldo Amâncio e Ariano Suassuna

nossa cantoria não vem de longe (certo ela tem raízes lusitanas), mas ela nasceu aqui na Serra de Teixeira, na Paraíba.

S. D. — Como você explica a sobrevivência dessa tradição aqui no Brasil?

G. A. — Explica-se muito bem. E porque a cantoria, tem o que dizer, pelo menos com muito amor, a cantoria tem história, tem raízes, ela não é apenas um modismo. E como se fosse acompanhando a história de uma raça que sofre, que chora. Tudo isso acompanhado como se fosse um ato de fé. A cantoria não morre nunca, ela tem mais de um século, e não é modismo como a “lambada”. A cantoria não vai morrer nunca, porque os cantadores são poetas. Se por acaso, algum dia não houvesse nem mais um ouvinte de cantoria, a cantoria mesmo assim ainda não se acabaria porque os cantadores iriam cantar uns para os outros.

S. D. — Qual é o público dos cantadores hoje?

G. A. — Já foi um público totalmente rural. Hoje já é um público 90 % urbano. Isso se explica muito bem. Por exemplo, no meu caso, eu comecei a cantar em 1964, na época, 70 % dos habitantes no Nordeste eram de região rural. Hoje temos uma inversão de ordens: acho que hoje só 30 % residem na zona rural. A viola acompanhou o povo, o povo também acompanhou a viola como dizemos. Os cantadores todos eram residentes em fazendas, em sítios. Hoje a maioria mora em cidades de médio porte ou nas capitais. Hoje é um público urbano, talvez até mais exigente, mas esclarecido, que gosta de coisas do atual. O cantador do passado, eu não ponho nem a culpa, podia levar até o nome de subserviente, de cantar para o coronel, de defender o coronel, mas também era capaz de defender Lampião, ele ia por onde botasse. O cantador de hoje é bem mais esclarecido, ele não é mais subserviente, ele canta o que acha que deve cantar.

S. D. — Como acontece a modernidade e a renovação da cantoria?

G. A. — Há cantadores que não

admitem que a cantoria seja folclore, porque o folclore é uma tradição estática e já a cantoria se renova. Quando eu comecei a cantar há trinta e sete anos, havia talvez quinze modalidades de cantoria: o galope a beira-mar, a sextilha, o martelo, o Brasil-caboclo, etc. Da nossa geração para cá surgiram muitas outras modalidades de cantoria novas, muitíssimas... Por exemplo, “O que é que me falta fazer mais, Se o que fiz até hoje ninguém faz?”, Essa modalidade foi nós que criamos. Temos cinco ou seis estilos novos; é a nossa contribuição, mas só como registro. A cantoria é viva, se eu começasse a cantar hoje, eu cantaria acompanhado por outros instrumentos, eu vestiria a cantoria, porque ela é muito nua, a musicalidade da cantoria é muito pobre.

S. D. — E a temática mudou muito? Você falou que a cantoria acompanhava a história do povo...

G. A. — Veja bem, os cantadores que me antecederam cantavam muito a mitologia, coisas da Grécia, cantavam muito Carlos Magno, cantavam o descobrimento do Brasil, a história sagrada, José do Egito, Moisés e assim por diante. Os cantadores de hoje, ouvem falar de genoma, das clonagens, da ciência, do dia a dia, da política. Mudou, acho que radicalmente. Até porque não é uma mudança só do cantador, é do próprio público que exige novos assuntos: “quero isso, quero aquilo...”. O público não vai mais pedir Carlos Magno.

S. D. — Não tem uma sobrevivência do público mais tradicional?

G. A. — O cordel tem essa diferença. O público tradicional do cordel continua a ler clássicos como o “O Pavão Misterioso” e existe o público novo, um público moderno que gosta da história do seu “Lunga”, essa coisa muito bem criada pelo Klévisson, pelo Rinaré. O nosso público de cantoria é 90 % urbano, 5 ou 6 % do público tradicional ficou lá no sertão, no interior.

S. D. — Então você tem mais liberdade para inventar, para criar porque o público mudou?

G. A. — Com certeza. Você já teve a

oportunidade a assistir a um festival de cantadores num teatro?

S. D. — Sim, uma vez em Fortaleza.

G. A. — Então, até pelos temas que são apresentados, não há mais nada do tradicional. Falamos do amor, da política, do dia-a-dia, do carnaval, da praia, da Mulher, da saudade, fala do sertão, mas talvez com uma nova roupagem, não é mais só assunto de cangaço. Mudou.

S. D. — Quais são os grandes cantadores aqui?

G. A. — Olhe, pelos que nos antecederam, temos umas safras extraordinárias aí: os próprios irmãos Batista, o Dimas que foi para nós uma espécie de mestre, ainda o tenho hoje, na minha métrica, como o cantador mais perfeito que ouvi; tinha uma arte professoral, ele era um filósofo, era um papa, era tudo na cantoria. O irmão dele, Lourival Batista, o Pinto do Monteiro, que consideramos o maior repentista de todos os tempos. Não sei se você conhece a história desse homem, foi fantástica. Falo dele no meu livro *De repente cantoria*. O Rogaciano Leite, Zé Alves Sobrinho, que não houve até hoje cinco cantadores maiores do que Zé Alves Sobrinho, que viveu muito esquecido lá em Campina Grande e tantos outros. Os cantadores hoje que têm mais convites, que estão sempre na linha de frente, é Vilanova, Oliveira de Panelas, João Lourenço, Cardosa, Sebastião da Silva, Moacyr Laurentino, Louro Branco. Tem uns novos aí chamados Nonato Costa, Raimundo Nonato, Edimilson, Ferreira, Antonio Lisboa... Tem uma nova geração que está nos sucedendo, porque tem que haver a renovação, a própria vida exige isso, senão, todo ciclo termina.

S. D. — Qual é a sua formação? Você estudou? Você leu? Como você criou o seu imaginário?

G. A. : Veja bem. Eu não tive muita oportunidade de frequentar colégios, durante a minha vida estudei apenas dois anos. Então foi ler, pesquisar, perguntar, ir atrás, tirar dúvidas, e com isso terminei o segundo grau, um espécie de supletivo. Fiz



Geraldo Amâncio e Sylvie Debs

até o certificado, mas sempre que alguém me pergunta, digo: olhe só freqüentei escola dois anos, foi realmente só isso, aquele escola do sítio do primeiro livro, do segundo livro. Eu sempre disse que a minha universidade maior foi o dia a dia, foi o mundo, a vida me ensinou fantásticamente.

S. D. — Se os temas são mais ligados à atualidade, como você se prepara para os festivais e para os improvisos?

G. A. — Ler para mim é uma espécie de mania, eu leio no mínimo um jornal por dia. Habitualmente são dois jornais que eu leio. Todo espaço afora desse trabalho da cantoria,

eu ocupo lendo, pesquisando, escrevendo, passando o que eu acho interessante para uma fita de gravador. Estamos já elaborando um terceiro livro com poesias de cantorias. Então o cantador ou se atualiza, ou fica à margem. Ele tem que pesquisar, trabalhar, aprimorar, aprender para tocar o barco.

S. D. — Escutando cantoria, fico sempre muito impressionada com a rapidez do improviso. Tem uma técnica especial para isso?

G. A. — A primeira coisa é o dom. A segunda coisa é a prática. O que também ajuda muito, para que o cantador produza cada vez mais e melhor, é a reação do público. Se a

recepção é quase nada, a inspiração vai acabando. Se eu digo uma coisa boa, vai chegar aquela luz, vem a capacidade da velocidade, do raciocínio rápido. Eu sou totalmente dependente da recepção do público.

S. D. — Você já cantou fora do Brasil?

G. A. — Estivemos em Portugal em 1994, fomos fazer uma apresentação no Museu de Etnologia. Foi um encontro super agradável; lá encontramos repentistas dos Açores, do Minho, uma poetisa do nome Maria Celeste, muito repentista e para surpresa maior ainda, (as poetisas, as cantadoras nossas daqui nunca tiveram boa voz, pelo menos desconheço, eu diria voz de cantora, voz de Clara Nunes), essa além de ser repentista excelente tinha uma voz belíssima e deve ter ainda, então foi a única vez que tivemos a oportunidade de fazer apresentação fora do Brasil, foi uma maravilha. Tenho a impressão que os melhores momentos pelo menos em termos de aplausos que nós tivemos nessa vida de cantadores de trinta e sete anos foi realmente em Portugal; nós íamos fazer uma apresentação, fizemos oito ●

Fortaleza, abril-junho de 2001.

* Université Robert Schuman - Strasbourg



L. M. Salles, "O flautista de Hamelin", 2002